
Educomunicação e Alfabetização Midiática: caminhos para a análise crítica da mídia pela criança¹

Thayná Rafaela de OLIVEIRA²

Rose Mara PINHEIRO³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

Tendo como ponto de partida o cenário de mudanças instauradas pela pandemia da Covid-19 no âmbito da Comunicação e da Educação, este artigo busca discutir sobre a relação da Alfabetização Midiática e da Educomunicação para o desenvolvimento crítico do público infantil frente aos conteúdos dos ambientes informacional e midiático aos quais têm contato. Nesse sentido, leituras de Ferrari, Machado e Ochs (2020), Bévort e Belloni (2009), Buckingham (2012) e Kellner (2008) fundamentam a apresentação da vertente da Alfabetização Midiática, seguida da exposição do campo da Educomunicação com autores como Soares (2003; 2014), Aparici (2014) e Freire (1985; 2010). Proposições que encaminham para a reflexão sobre o início do processo de educação midiática na infância por meio da análise crítica da mídia, em especial, do desenho animado.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; Alfabetização Midiática; Público Infantil; Desenho Animado; Covid-19.

INTRODUÇÃO

Em 2021, felizmente ou infelizmente, não há como falar sobre Comunicação e Educação sem citar a pandemia da Covid-19. Desde o ano passado, a crise sanitária tem sido pano de fundo de importantes discussões no âmbito dessas duas grandes áreas e na interface entre elas. O surgimento do novo coronavírus nos trouxe perdas, mas também muitas mudanças que devem deixar suas marcas nos próximos anos. Talvez, as principais delas sejam justamente nos nossos modos de se comunicar, aprender e ensinar.

Na educação, a pandemia tem evidenciado o modelo bancário de ensino presente na nossa sociedade, o qual “implica um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: thayna.rafaela.oliveira@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: rose.pinheiro@ufms.br

– os educandos” (FREIRE, 2010, p.65), projeto tão discutido por Paulo Freire em suas obras, principalmente em *Pedagogia do Oprimido* (2010).

Na busca pelas menores perdas durante o período, entre as videochamadas, as aulas gravadas e os ambientes de aprendizagem virtuais, há também a realidade daqueles que apenas recebem o conteúdo das disciplinas e interagem com a comunidade escolar por meio de grupos em plataformas como a rede social Facebook e o aplicativo de conversas instantâneas WhatsApp, por onde o professor envia tarefas de casa e lições do dia. Outra situação engloba aqueles que não têm acesso algum à conexão on-line e aos equipamentos adequados para esse tipo de ensino e aprendizagem, tendo sua formação prejudicada nesse período. O distanciamento entre a escola, o professor e o aluno, fez com que até os mais avessos ao ambiente educacional sentissem saudades da sala de aula.

Na comunicação, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) se tornaram o palco principal para manter o distanciamento social e ao mesmo tempo a sanidade mental da população. Ferramentas que, entre tantas funções, ficaram famosas pelas possibilidades de contato e conversas com pessoas do outro lado do mundo, agora proporcionam o encontro virtual com o colega que se encontra a menos de dois quilômetros de distância da sua casa. As TICs também foram fundamentais para a continuidade das atividades que não mais poderiam ser realizadas presencialmente, devido ao perigo de contágio do novo vírus. Assim, aquelas que não foram consideradas extremamente essenciais, como as da área da saúde, foram levadas para o ambiente virtual, incluso as educacionais.

Nesse período, também acompanhamos os fenômenos em torno da teoria e da prática da Comunicação enquanto campo de estudo. Como exemplos, o próprio jornalismo, que também passou a ser realizado, em partes, de forma remota; a TV aberta, com programas como o Big Brother Brasil, voltando a conquistar altos picos de audiência; e na internet, novas formas de se expressar, por meio da rede social TikTok e o surgimento da ferramenta Reels, no Instagram, que têm permitido aos usuários, principalmente os mais jovens, se comunicarem de casa, de forma simples, rápida e muitas vezes eficiente. Entre mensagens de humor, novas informações e desinformação, parece estarmos vivendo o ápice da convergência midiática proposta por Jenkins (2009), principalmente nos quesitos audiência participativa e produtora de conteúdos.

No entanto, o próprio autor há muito já alertava: “quando as pessoas assumem o controle das mídias, os resultados podem ser maravilhosamente criativos; podem ser

também uma má notícia para todos os envolvidos” (JENKINS, 2009, p. 29). Uma má notícia para empresas e conglomerados dos meios de comunicação, que deverão cada vez mais lidar com uma audiência produtora e ativa que também faz parte agora do mercado de mídia. Além desse, há o lado negativo relacionado à própria produção desses conteúdos.

Para David Buckingham (2012), a produção criativa pode ser uma forma poderosa de aprendizagem “envolvendo vários tipos de remix, a apropriação e adaptação de textos existentes ou a criação de textos completamente novos – ou ainda, simplesmente, explorando o potencial para comunicação em rede” (BUCKINGHAM, 2012, p.55). Mas como lidar com a repercussão de conteúdos criados e compartilhados sem ética e responsabilidade? Para o autor, a reflexão e a análise críticas seriam o caminho para isso, mesmo que na prática seja uma busca difícil para se chegar a essa combinação.

A VERTENTE DA ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA

A Internet tem ganhado cada vez mais espaço em nossas vidas. Na pandemia, o ambiente virtual e o real têm dividido fronteiras que chegam a confundir a linha tênue entre esses dois espaços. Um cenário que ao mesmo tempo nos mostra cada vez mais possibilidades de avanço no mundo, também traz consigo retrocessos perigosos por meio da desinformação gerada e provocada intencionalmente nesse fluxo de conteúdos em diferentes plataformas.

Hoje, vivemos cada vez mais uma sociedade globalizada, conectada, digital e virtual, com forte presença das TICs e as diferentes mídias que já fazem parte da nossa rotina diária. E a realidade nos mostra que precisamos e precisaremos cada vez mais de uma educação voltada para esse mundo onde virtual e real se misturam, um mundo no qual mergulhamos de cabeça sem ter aprendido ao certo a como nadar nesse mar de informações.

É nesse cenário que se destaca – e tem ganhado cada vez mais conhecimento – a Alfabetização Midiática. Segundo o Guia da Educação Midiática (2020), do programa EducaMídia, estruturado pelo Instituto Palavra Aberta com apoio do Google.org, o termo refere-se “ao conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica e reflexiva do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos – dos impressos aos digitais” (FERRARI, MACHADO, OCHS, 2020, p. 26).

Esse tipo de educação voltada para a mídia faz parte de um processo de ampliação da alfabetização dos indivíduos da sociedade que vai além dos processos de ensino-aprendizado formal e informal, compreendendo ações, comportamentos e práticas ligados ao mundo digital e virtual tendo como principal intuito ensinar a população a questionar e lidar com as diferentes informações e meios de comunicação com os quais tem contato, entendendo o seu funcionamento, linguagem e origem.

Essa necessidade, que não é nova, ganha cada vez mais urgência diante do enorme fluxo de informações a que estamos expostos diariamente. Nesse cenário, não basta ler o que chega às nossas mãos. É preciso saber filtrar e interrogar a informação, não apenas consumir. É preciso dominar as linguagens que nos permitem ter voz e, com isso, participar plenamente da sociedade conectada. (FERRARI, MACHADO, OCHS, 2020, p. 26).

Com os avanços na área das Tecnologias de Informação e Comunicação, se faz cada vez mais importante acompanhar essas novas transformações, não apenas na prática, na técnica, ou em como saber manusear as novas tecnologias, mas, sim, no modo de lidar com suas diversas possibilidades.

Além disso, “acesso, presença e alcance digitais, no entanto, estão longe de equivaler a fluência digital, maturidade e responsabilidade para trafegar nas vias tão carregadas do ambiente informacional” (FERRARI, MACHADO, OCHS, 2020, p. 17). Desse modo, mesmo as gerações que possuem maior facilidade com o uso de ferramentas no ambiente virtual e digital, pouco sabem agir de forma crítica perante os conteúdos que recebem, criam ou compartilham. Necessário se faz, então, ensinar o público infanto-juvenil a como interagir no ambiente informacional.

Segundo Buckingham (2012), para os formuladores de políticas educacionais o aprendizado sobre a mídia é parte fundamental do ensino da criança. Conhecimento necessário não apenas enquanto técnica, mas como competência para compreensão e apropriação adequada da informação.

Uma vez que os programas de televisão, os videogames, a música e mesmo os brinquedos se tornaram grandes transmissores da nossa cultura, os contadores e vendedores das histórias do nosso tempo, é agora, mais do que nunca, que as crianças precisam aprender a questionar criticamente as mensagens que as cercam e usar a grande variedade de ferramentas disponíveis para expressar suas ideias e exercer plena participação na sociedade. (KELLNER, 2008, p. 689)

A educação midiática, portanto, proporciona às crianças e jovens habilidades para ler, analisar, criar, participar e lidar de maneira crítica frente a mídia. (FERRARI, MACHADO, OCHS, 2020). Nesse sentido, Bévort e Belloni (2009) acreditam que esse tipo de educação deva começar na escola e ser levado ao longo da vida, já que “as mídias fazem parte da cultura contemporânea e nela desempenham papéis cada vez mais importantes, sua apropriação crítica e criativa, sendo, pois, imprescindível para o exercício da cidadania” (BÉVORT; BELLONI, 2009, p.1083).

E não há como fugir do fato de que os meios de comunicação e a internet, mesmo que não sejam reconhecidos como métodos de ensino, acabam por proporcionar, em certo grau e instância, conhecimento à população. Para Guillermo Orozco Gómez (2014), então,

a educação formal é convidada a não ter medo de trazer para o seu corpo os meios de comunicação, fazendo-os funcionar em duas dimensões articuladas: como elemento de aproximação do jovem, naturalmente envolvido com as videotecnologias, a internet, os videogames, as redes sociais, e como objeto de análise e instância para a descoberta dos mecanismos de produção midiática. (GÓMEZ, 2014, p.10)

Nesse sentido, no entanto, não basta apenas introduzir a Alfabetização Midiática dentro da escola para o desenvolvimento de novas habilidades frente aos ambientes informacional e midiático. Para o exercício de reflexão sobre os conteúdos da mídia e a preparação do pensamento crítico do aluno frente aos meios de comunicação é necessária uma metodologia que envolva o aluno no processo educativo, dando-lhe voz para expressar sua visão de mundo e possibilidade de construir conhecimento de forma conjunta. Um processo de democratização da informação, o qual a Educomunicação é capaz de proporcionar.

O CAMPO DA EDUCOMUNICAÇÃO

Multidisciplinar, transdiscursiva, participativa e dialógica, a Educomunicação, enquanto campo de estudo na interface Comunicação/Educação, é responsável por uma educação com e para os meios de comunicação. Essa área “nos apresenta uma filosofia e uma prática da educação e da comunicação, baseadas no diálogo e na participação, que não exigem somente tecnologias, como também uma mudança de atitudes e concepções pedagógicas e comunicativas (APARICI, 2014, p. 37).

Pela transversalidade de seus discursos e a possibilidade de trabalho em diferentes disciplinas e assuntos, somadas as suas diversas áreas de intervenção, essa área permite o trabalho com as Tecnologias de Informação e Comunicação, os meios de comunicação e os produtos da mídia de diferentes formas no ambiente educacional.

Fundamentada em princípios de Paulo Freire, a Educomunicação traz o diálogo, em sua pura essência freireana, como responsável pelo questionamento e a construção conjunta de saberes (FREIRE, 1985). Mais do que isso, pela dialogicidade, proporciona a plena participação do educando em seu processo de ensino-aprendizado, ampliando seu potencial comunicativo e expressividade, dando-lhe protagonismo frente ao seu conhecimento (SOARES, 2014).

Na prática da Educomunicação, a abertura ao diálogo é elemento fundamental para o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos (SOARES, 2014) e para a promoção de relação igualitária entre os membros da comunidade escolar, possibilitando uma maior autonomia do estudante, colocando-o como sujeito central de seu processo educativo e oportunizando uma forma de comunicação democrática.

Segundo Ismar de Oliveira Soares (2003), esse recente campo de estudo é responsável por também proporcionar o desenvolvimento crítico do público dos meios de comunicação, ao lhes mostrar formas de apropriação adequadas dos recursos da informação, favorecendo “referenciais e metodologias que permitam às comunidades humanas relacionarem-se, enquanto sujeitos sociais, com o sistema midiático” (SOARES, 2014, p.17). Assim, busca desenvolver a autonomia, o pensamento crítico e a liberdade de expressão dos indivíduos de toda a sociedade.

Nesse sentido, para Ana Claudia Ferrari, Daniela Machado e Mariana Ochs (2020),

educomunicação e educação midiática relacionam-se de maneira simbiótica. A primeira alimenta-se das práticas da educação midiática quando educa para o consumo das mídias e desenvolve a fluência e a ética no ambiente digital. E a educação midiática ampara-se na educomunicação quando, por exemplo, incentiva a autoexpressão de crianças e jovens para que tenham voz e plena participação na sociedade. (FERRARI, MACHADO, OCHS, 51, 2020)

Desse modo, ao trabalhar com o estudo e o uso dos meios de comunicação em processos educativos, possibilitar o exercício de análise crítica da mídia, bem como promover uma educação voltada aos recursos da informação, essa área pode ajudar no

desenvolvimento da alfabetização midiática dos membros de nossa sociedade e dentro do ambiente escolar.

Essa forma de alfabetização deve, portanto, começar desde cedo e ser desenvolvida ao longo da formação do público infanto-juvenil. Hoje, um lugar adequado para se realizar esse tipo de educação continua sendo a escola, responsável por organizar a aprendizagem via ensino, de forma intencional e direcionada (BRAGA, CALAZANS, 2001).

“Assim como os adultos, as crianças recebem uma quantidade enorme de informações das mais diversas fontes” (FERRARI, MACHADO, OCHS, 2020, p. 55). Conteúdos que, de certa forma, influenciam seus valores e visão de mundo (FERRARI, MACHADO, OCHS, 2020). Um dos produtos midiáticos com os quais elas mais possuem contato – e, hoje, não mais apenas pela televisão, como também por meio de celular, tablets e computadores – são os desenhos animados, que acabam por ser os principais produtos culturais destinados ao público infantil (SARTORI, SOUZA, 2012). A partir deles, as crianças se identificam com os personagens e cenários apresentados, imitando as cenas que assistem (VIEIRA, 2008) e levando referências da animação para a vida real, que são ressignificadas em suas rotinas e brincadeiras (SARTORI, SOUZA, 2012).

Para Ademilde Silveira Sartori e Kamila Regina de Souza (20013), esse produto midiático pode servir referências importantes para a formação sociocultural do público infantil, ainda mais se utilizado dentro do processo de educação. “Ao se aproximar do mundo apresentado pelas telas, sejam da TV ou de outras mídias audiovisuais, as crianças ampliam suas possibilidades lúdicas e constroem seus conceitos e significados sobre as coisas do mundo” (SARTORI; SOUZA, 2013, p. 101).

Segundo Eunice Kindel (2003), as animações e os desenhos animados simplificam, purificam e dão sentido de ingenuidade às histórias por meio dos personagens e cenários, que merecem ser analisados com mais atenção, já que os desenhos animados também atuam na produção de comportamentos e nas formas de compreensão sobre o mundo, ao trazer referências que indicam “como ser mulher, como ser homem, como ser bonito, como ser vencedor, como ser herói” (KINDEL, 2003, p. 48).

No entanto, o processo de alfabetização midiática com crianças pré-alfabetizadas ou em fase de alfabetização deve ser iniciado de forma simples e a partir de perguntas que instiguem uma leitura mais crítica da mídia pelo público infantil (FERRARI,

MACHADO, OCHS, 2020). Nesse processo, o papel do professor ganha destaque e importância enquanto mediador da relação indivíduo-mídia dentro da escola e no cenário de influências e mediações dos meios de comunicação, já que “a criança não deixa de ser influenciada, mas não é mais influenciada do que permite sua vivência social e experiência compartilhada, nem menos do que a sociedade em que vive deixa” (MAGALHÃES, 2007, p. 53). Assim, por meio do diálogo, será possível instiga-las a refletirem sobre a mídia e auxiliar no desenvolvimento de seu pensamento crítico, além de possibilitar, por meio da participação e interação, expressarem sua visão sobre os conteúdos aos quais têm contato.

QUAL CAMINHO SEGUIR?

De acordo com os apontamentos apresentados, foi realizada, como parte prática de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), uma atividade de análise crítica de episódios da série animada brasileira de televisão “Irmão do Jorel” com o objetivo de discutir sobre a possibilidade de iniciar o processo de Alfabetização Midiática na infância, a partir da utilização de princípios da Educomunicação, tais como diálogo, participação, interação, protagonismo do estudante e criação de ecossistemas comunicativos.

A análise crítica da mídia faz parte de uma das etapas de Alfabetização Midiática. Para exposição visual desse processo, o EducaMídia elaborou a mandala da Educação Midiática, dividida em três grandes eixos: “Ler”, “Escrever” e “Participar”. O primeiro eixo, foi o qual abordamos na atividade proposta. Ele está dividido em duas partes, a leitura adequada diante da abundância de informações nos meios impresso, digital e virtual, a partir da análise crítica e reflexiva dos textos e formatos de mídia; e o letramento digital, por meio do domínio das técnicas de busca, curadoria e produção. As etapas operacionais da atividade também foram inspiradas nas orientações expostas no Guia da Educação Midiática (2020).

Para a realização da pesquisa, foi definido, então, como o público-alvo da atividade professores e alunos, entre 7 e 11 anos, de escolas municipais da cidade de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul.

Primeiramente, foram realizados encontros com os professores para uma capacitação prévia sobre os conceitos da Educomunicação, da Alfabetização Midiática e

as principais características dos desenhos animados. Para auxiliá-los nesse processo, materiais de apoio foram preparados em vídeo e em documentos no formato PDF, entre eles: um vídeo de apresentação sobre a Educomunicação e Alfabetização Midiática, somado a quatro cartilhas, sobre a relação dos conceitos abordados, um resumo da pesquisa realizada, a sugestão de dinâmica para a atividade proposta e um catálogo com todos os episódios da série escolhida.

Foram realizados dois encontros, de em média uma hora de duração cada, com a participação de duas professoras de uma escola e um professor de outras duas instituições. Posteriormente, foram realizadas as atividades com as turmas dos alunos de cada professor. Duas do quarto ano do Ensino Fundamental I e duas do sexto ano do Ensino Fundamental II, com participação média de cinco alunos por encontro.

Os episódios da série “Irmão do Jorel” foram selecionados com base em objetivos da Alfabetização Midiática como questionamento de preconceitos, estereótipos, busca por representatividade e diversidade, bem como o entendimento do funcionamento dos meios de comunicação e da mídia como um todo. Assim três episódios foram escolhidos, junto aos professores, para serem transmitidos aos alunos: “A Perigosa Lambada Brutal”, “Jornal do Quintal” e “A Lenda da Mulher de Algodão”. Devido à pandemia da Covid-19, os encontros foram realizados de forma remota pela plataforma para videochamadas Google Meet.

Ao iniciar a aula, cada professor deveria apresentar e explicar brevemente sobre a atividade a ser realizada, mas sem estipular atitudes "certas" ou "erradas", de forma a não influenciar os alunos a buscarem respostas corretas e deixá-los refletirem sozinhos sobre o que assistiram.

Após a exibição do desenho por compartilhamento de tela, os professores abriram o diálogo para que cada aluno expusesse a sua visão do conteúdo assistido, dando-lhe protagonismo. Um momento importante no qual as crianças também puderam contribuir com reflexões e detalhes sobre o episódio para ampliar ainda mais o processo de análise do produto midiático em questão.

Após escutar os estudantes, os mediadores realizaram perguntas sobre os personagens, cenários, diálogos e cenas importantes ou que passaram despercebidos pelas crianças. Aqui, foi a hora de desenvolver o diálogo iniciado anteriormente. As perguntas foram usadas para incentivar a participação dos integrantes da atividade e instiga-los a refletirem sobre o que viram. Nesse momento, professores e alunos, trocaram

experiências e opiniões, construindo conjuntamente a análise do desenho. Ao final da discussão, o professor apresentou a sua própria análise sobre o conteúdo assistido, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre o que viram.

Durante os encontros foram questionados estereótipos, preconceitos, padrões de beleza, desinformação, Fake News e o funcionamento de telejornais. As perguntas em torno de cada episódio foram feitas com o intuito de instigar a pensar sobre as mensagens e conteúdos apresentados pela animação e ampliar a visão crítica do estudante sobre a mídia. Desse modo, foi possível perceber a instauração do diálogo entre os participantes da pesquisa, o exercício de reflexão dos estudantes sobre os conteúdos e mensagens do desenho, a expressividade do aluno e a sua relação de representatividade com os episódios apresentados, além da promoção do seu protagonismo frente ao conhecimento construído conjuntamente com todos os colegas e o professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica da mídia por meio do desenho animado pode ser um entre os vários caminhos para o início do desenvolvimento da Alfabetização Midiática de crianças, mas que de qualquer forma deve ser continuado ao longo da formação desses indivíduos para plena reflexão e apropriação dos recursos da informação. Esse processo, portanto, não se sustenta sozinho, apenas na preparação de tais habilidades voltadas aos ambientes informacional e midiático, sendo a Educomunicação uma importante base para que esse tipo de educação possa ser realizado. Os conceitos desse campo possibilitam que o pensamento crítico do estudante seja desenvolvido junto de sua autonomia e liberdade de expressão, bem como para que ele saiba como participar ativamente da sociedade enquanto cidadão.

As observações advindas da realização da atividade com professores e crianças de escolas públicas de Campo Grande, foi essencial para o entendimento dessa importância dos conceitos da Educomunicação, como diálogo, participação e protagonismo do estudante, para a construção conjunta do conhecimento entre educadores e educandos e de uma visão crítica frente a mídia. Além do mais, a atividade, realizada durante a pandemia, foi também uma forma de diversão para os alunos participantes, que há muito não viam seus colegas de turma ou mesmo o professor.

Destaca-se também a importância da atividade realizada, bem como do processo da Alfabetização Midiática e da prática educomunicativa no período de pandemia, principalmente pelas mudanças provocadas no âmbito da Comunicação e Educação, sendo, então, fundamentais para o exercício crítico da mídia em um momento onde nos vemos cada vez mais transferindo atividades do mundo real para o virtual.

REFERÊNCIAS

APARICI, Roberto (org). **Educomunicação**: Para além do 2.0. 1. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2014.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação & Educação**: questões delicadas na interface. Hacker Editores, São Paulo, 2001.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2021.

BUCKINGHAM, David. “Precisamos realmente de educação para os meios?”. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 17, ano XVII, n.2, p. 41-60, jul/dez 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/73536>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

FERRARI, Ana Claudia; MACHADO, Daniela; OCHS, Mariana. **Guia da Educação Midiática**. São Paulo, SP: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <<https://educamidia.org.br/guia>>. Acesso em: 12 ago. 2021

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2010

GÓMEZ, Orozco Guillermo. **Educomunicação**: recepção midiática, aprendizagens e cidadania. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. Ed. São Paulo; Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 687-715, out. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

KINDEL, Eunice Aital Saia. **A natureza do desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais....** 2003. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2504/000370803.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MAGALHÃES, Cláudio Márcio. **Os programas infantis da TV: teoria e prática para entender a televisão feita para crianças.** Belo Horizonte; Autêntica, 2007.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOUZA, Kamila Regina. Estilos de Aprendizagem e a Prática Pedagógica Educomunicativa na Educação Infantil: Contribuições do Desenho Animado para a Aprendizagem das Crianças Contemporâneas. **Revista Estilos de Aprendizaje**, v 5, n 10, out. 2012. Disponível em: <<http://revistaestilosdeaprendizaje.com/article/view/958/1666>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOUZA, Kamila Regina. Educomunicação e desenhos animados: reflexões sobre a construção do conceito de prática pedagógica educomunicativa desde a educação infantil. **Revista Eletrônica Humanitaris**, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/revistahumanitaris/article/view/6>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. In: 3º Telecongresso Internacional de Educação de Jovens e Adultos, Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. Introdução à edição brasileira. In: APARICI, Roberto (org). **Educomunicação: Para além do 2.0.** 1. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2014.

VIEIRA, Tatiana Cuberos. **O potencial educacional do cinema de animação: três experiências na sala de aula.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) –Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/617>>. Acesso em: 12 ago. 2021.